

**La Boétie e Montaigne: um Apelo à Amizade***Silvana de Souza Ramos (PIBIC/CNPq – DF/USP)**Orientadora: Marilena de Souza Chauí*

Num poema latino que La Boétie dedicou em vida a Montaigne, faz ele um convite ao amigo, que, depois da morte de La Boétie, será tomado por Montaigne como um imperativo: em meio à corrupção do século XVI, La Boétie fala de uma vida em companhia que vence os delírios da fortuna por alimentar-se da força da virtude.

“A fortuna em delírio precipita-se em todas as direções: mas, serena, a virtude aplica-se a seus deveres; em sua própria companhia, goza dos tesouros que não lhe podem ser arrancados, e torna-se mais rica do usufruto que tira de si mesma.

Oh, possa eu gozar de tão belos frutos! Possa tu, Montaigne, colhê-los igualmente! Façamos ambos o ensaio (*Experiamur uterque*): e, se deles não nos tornarmos possuidores, morramos buscando possuí-los!”<sup>1</sup>

A morte de La Boétie arrastou Montaigne à melancolia. Sua vida, enquanto unida à do amigo, guiava-se segura neste laço fraternal. É preciso atentar para este aspecto central: a companhia do amigo dava a Montaigne o traço mais profundo de seu ser. Mas, essa companhia em momento algum se configurava como uma relação de dependência, no sentido de perda de autonomia. Ao contrário, o que os unia era uma identidade de motor interno que os impelia sempre na direção da liberdade e da virtude. E é porque possuíam essa mesma disposição de caráter que puderam vivenciar essa amizade única. A perda do amigo privou Montaigne do outro que lhe era tão próximo e tão íntimo a ponto de carregar consigo a melhor parte de sua alma, a mais verdadeira, porque a mais íntegra e idêntica. Restava, então, a ele, encontrar uma outra via que lhe desse o conhecimento de si que só a amizade havia lhe proporcionado. Melancólico e solitário, Montaigne abandona a vida pública e se aloja na torre de seu castelo, “no seio das doudas virgens”, e passa a se dedicar inteiramente à sua mais nova empresa: produzir o livro, os *Ensaíos*, em cujo cerne repousa a incerteza e a busca. O filósofo aspira agora a possibilidade de sozinho atender ao imperativo deixado pelo amigo: “Façamos juntos o ensaio” É preciso ainda seguir o reto caminho da virtude num mundo destruído pelas guerras e à mercê da tirania.

Devemos notar, entretanto, que os alicerces dessa busca já estavam contidos na relação que Montaigne travara com La Boétie, pois ela faz referência a uma característica fundamental da amizade, qual seja, a comunicação. Montaigne não escreverá para si, pois o seu livro será a tentativa de um retrato fiel de si mesmo, no qual *alguém* possa reconhecê-lo. Referindo-se a essa comunicação travada com o leitor dos *Ensaíos*, Montaigne dá a este a dignidade de participar de sua obra – ele fala em conversa. A conversa se situa entre as diversas disciplinas de instrução moral das quais o sujeito ético pode se dispor. Ela se caracteriza pela contradição: não há conversa onde há “uníssono” Aqui é estabelecida a diferença entre o que Montaigne chama de “lição de mestre” e instrução pelo desacordo. A primeira refere-se ao que poderíamos chamar de lição de moral: um sábio se coloca diante de um outro que

precisa de instrução e dita as regras e decisões que este deve tomar. Ora, segundo Montaigne, este tipo de instrução nos faz heterônomos, visto que algo de externo e superior a nós mesmos dita a nossa conduta moral, sem que possamos discutir. Conseqüentemente, ela extrapola os limites e os deveres da amizade, pois entre os amigos deve sempre prevalecer a igualdade. Assim, este tipo de instrução é descartado e criticado por Montaigne – o homem, enquanto ser naturalmente livre não deve aceitar a sujeição, pois ela aliena o homem de si mesmo e o faz servo. Devemos buscar a instrução por vias que nos garantam a autonomia. É por isso que Montaigne, nas pegadas de Sócrates, contrapõe à “lição de mestre” a conversa.

Ora, o fato de não haver conversa onde há uníssono significa que para haver conversa é preciso que haja diversidade de opiniões e crenças. Este aspecto traz uma conseqüência, qual seja, a necessidade da tolerância, visto que os homens só conversam quando aceitam *discutir* toda e qualquer opinião. O exemplo que Montaigne nos oferece é bastante esclarecedor – trata-se da superstição<sup>2</sup>. O autor descreve a superstição quase reduzindo-a à inanidade. Em outras palavras, ele despe as superstições de qualquer caráter periculoso, pois elas não passam de crenças vulgares ou “sonhos de uma velha”. É preciso lembrar que Montaigne foi um dos únicos filósofos de seu tempo a criticar a Inquisição, pois, para ele, as crenças e práticas supersticiosas, sem qualquer fundamento racional, eram inofensivas. Logo, o rigor com que a Inquisição as condenava era inaceitável. Montaigne, depois de postular a superstição como inofensiva, refere-se à obstinação. Esta sim emerge com toda a intolerância que lhe é peculiar, mais que isso, a origem da obstinação é exatamente a intolerância, ou seja, a incapacidade de discutir e lidar com crenças diversas das nossas. Desse modo, podemos perceber que se tanto a superstição quanto a obstinação se configuram, enquanto formas de dogmatismo, em empecilhos para que a conversa se instaure, a obstinação é colocada como o maior dos empecilhos, pois ela condena, sem discutir, as opiniões diversas, o que pode acarretar em conseqüências desastrosas como no caso da Inquisição.

Pelo que vimos, o sentido da amizade em Montaigne, quando aliado à análise da conversa, não se limita à sua experiência privada: ela possui um significado político, pois o elogio do diálogo e da amizade desvendam a face terrível e intolerante da tirania (o Absolutismo aliado às guerras de religião) sob a qual Montaigne vivia. Ora, para desvendar o sentido político da amizade devemos lembrar do texto que foi o primeiro contato entre os dois amigos: o *Discurso da Servidão Voluntária*. O *Discurso* deveria ocupar o centro do segundo livro dos *Ensaio*s, entretanto, Montaigne decidiu não publicá-lo em virtude das guerras de religião. Julgava ele que a publicação forneceria argumentos aos opositores, o que colocaria mais lenha na fogueira – o *Discurso*, primordialmente um chamado à liberdade, se converteria num álibi para a intolerância. Para o nosso propósito, devemos analisar o cerne do *Discurso*: a denúncia da origem da sociedade tirânica. Ao descrever o infortúnio que desnaturou os homens e fez com que eles se esquecessem de sua liberdade natural, La Boécie aventa a seguinte hipótese: a de que nascesse uma “gente novinha, nem acostuada à sujeição, nem atraída pela liberdade”<sup>3</sup>. Ora, se se perguntasse a ela se preferiria viver como serva ou viver livremente, “com que leis concordaria?” indaga o autor. Segundo La Boétie,

essa gente não exitaria em optar pela liberdade. A "gente novinha" à qual La Boétie dirige a questão é a gente da América recém descoberta, os habitantes do Novo Mundo, cujo modo de vida, sem fé, sem lei e sem rei, faz com que o autor lance seus olhos para a velha gente da Europa sujeita à tirania. Deste modo, uma das questões que permeia o *Discurso* é a seguinte: como poderíamos explicar o fato de o homem, o único ser naturalmente livre, seja exatamente aquele que se sujeita a um jugo que nem mesmo os animais aceitariam sem antes lutar. Essa indagação se articula a uma outra: como foi possível que os homens tenham instituído um poder separado da sociedade e que, graças a essa separação, pode dominá-los como uma força estranha e transcendente. A "gente toda nova" serve de exemplo para que o autor possa mostrar que esse poder não é necessário nem natural. Deste modo, se esta instituição não se deu por necessidade, então ela se deu por contingência (infortúnio) ou por vontade.

O infortúnio teria se dado quando os homens elegeram um senhor ou quando foram conquistados pelas armas de um tirano. Se por Natureza os homens são livres e servem somente à sua razão, a servidão só pode ser explicada pela coação, se os homens são forçados, contra a vontade, a servir o mais forte, ou pela ilusão, se são iludidos por palavras e gestos de um outro que lhes promete bens e liberdade, submetendo-os ao iludi-los. Essa resposta é, entretanto, insatisfatória, pois ela não dá conta de explicar como a tirania se conserva. A resposta satisfatória provém da idéia de costume – os homens, inicialmente coagidos ou iludidos, acostumaram-se a servir e criaram seus filhos, educando-os na servidão. É por isso que os que nascem sob a tirania não a percebem como servidão e servem voluntariamente, pois ignoram a liberdade. Entretanto, é difícil supor que o costume seja mais forte que a Natureza, a ponto de apagá-la – é preciso, ainda, explicar a origem da força do tirano. Esta força, segundo La Boétie, não está onde imaginamos encontrá-la: em suas fortalezas, em suas armas ou em seus dotes excepcionais. Fisicamente, o tirano é um homem como qualquer outro. Desse modo, o que explica o seu tamanho poder é a ampliação de seu corpo físico por seu corpo político; também sua alma ou sua moral são ampliados ao receberem as leis que permitem ao tirano distribuir privilégios. Ora, quem dá esse corpo político ao tirano somos nós, nas palavras de La Boétie, "povos insensatos" Mas, por quê? A resposta é terrível: consentimos em servir porque não desejamos a liberdade. Consentimos em servir porque esperamos ser servidos. Servimos ao tirano porque somos tiranetes: cada um serve ao poder separado porque deseja ser servido pelos demais que estão embaixo. A servidão é voluntária porque há desejo de servir, há desejo de servir porque a tirania habita cada um de nós e institui uma sociedade tirânica. É aqui que podemos analisar como a questão da amizade aparece no *Discurso*. A amizade é para La Boétie coisa santa e nome sagrado; ela só existe onde há igualdade, liberdade e justiça, e, enquanto relação que exige a igualdade e a liberdade, ela surge no *Discurso* como um contraponto tenaz da tirania. O tirano, por definição, é um ser solitário, pois está acima dos outros, o que impede que ele desenvolva laços de amizade com qualquer um. Os que estão abaixo dele reproduzem a relação hierárquica e tirânica em relação aos demais. Isto significa que a sociedade tecida nos moldes da tirania é um obstáculo para o desenvolvimento da amizade, pois esta se contrapõe radicalmente à hierarquia tirânica.

Neste momento já podemos vislumbrar o quanto o eco do *Discurso* se faz presente na fala de Montaigne. A conversa, disciplina de orientação privilegiada entre os amigos, exige a contradição e a tolerância, o que pressupõe a igualdade entre os interlocutores. Os obstinados, os dogmáticos, os tiranos e tiranetes não conversam, pois a tirania é o signo da servidão, é o “unísono” posto como norma, é o avesso daquilo que Montaigne incessantemente busca: a liberdade necessária para que possamos nos conhecer através da conversa e da amizade. Ora, já que não podemos vencer a “fortuna em delírio” (como diz La Boétie no poema que citamos) e mudar *radicalmente* os rumos da história, não seriam, neste contexto, a conversa e a amizade as únicas possibilidades de crítica e de resistência à tirania?

### BIBLIOGRAFIA

- CARDOSO, S. *Paixão de Liberdade, Paixão de Igualdade: a Amizade em Montaigne* in *Os Sentidos da Paixão*, Companhia das Letras, São Paulo, 1987.
- CHAUÍ, M. *O Mau Encontro* (Conferência Funarte – Brasil 500 anos. A Outra Margem do Ocidente – 21-23/09/1998).
- LA BOÉCIE, E. *De la Servitude volontaire*, éd. Mesmes, A. Colin, 1963.
- MONTAIGNE, M. *Essais* [I (28), III (8)] in *Oeuvres complètes*, Bibliothèque de la Pléiade, ed. Gallimard, Paris, 1962.
- STAROBINSKI, J. *Montaigne em Movimento*, trad. Maria Lúcia Machado, Companhia das Letras, São Paulo, 1992.
- VILLEY P. *Les Sources et L'Evolution des Essais de Montaigne*, ed. Otto Zeller, reimpression de la 2e. edition, 1976.

### NOTAS

<sup>1</sup> La Boécie, *Oeuvres complètes*, ed. P. Bonnefon, Bordeaux-Paris, 1892, p. 235 (tradução livre).

<sup>2</sup> “Quando um prato da balança está vazio de todo, eu deixo balançar o outro, sob os sonhos de uma velha. E me parece ser excusável se prefiro o número ímpar; a quinta à sexta-feira (...). Todos esses devaneios quiméricos, que são de nossa autoria, merecem ao menos que se lhes escute. Para mim eles carregam somente à inanidade, mas carregam. As opiniões vulgares e casuais ainda têm peso e são mais do que nada em natureza. E quem não se deixa ir até lá, cai ao acaso no vício da obstinação para evitar o da superstição” (*Ensaio*, VIII, III).

<sup>3</sup> La Boétie, E., *Discurso da Servidão Voluntária*, trad. Laymert Garcia dos Santos, ed. Brasiliense, São Paulo, 1999, p. 19.